



RESUMO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

As frágeis fronteiras do Magrebe

POR ANOUAR BOUKHARS

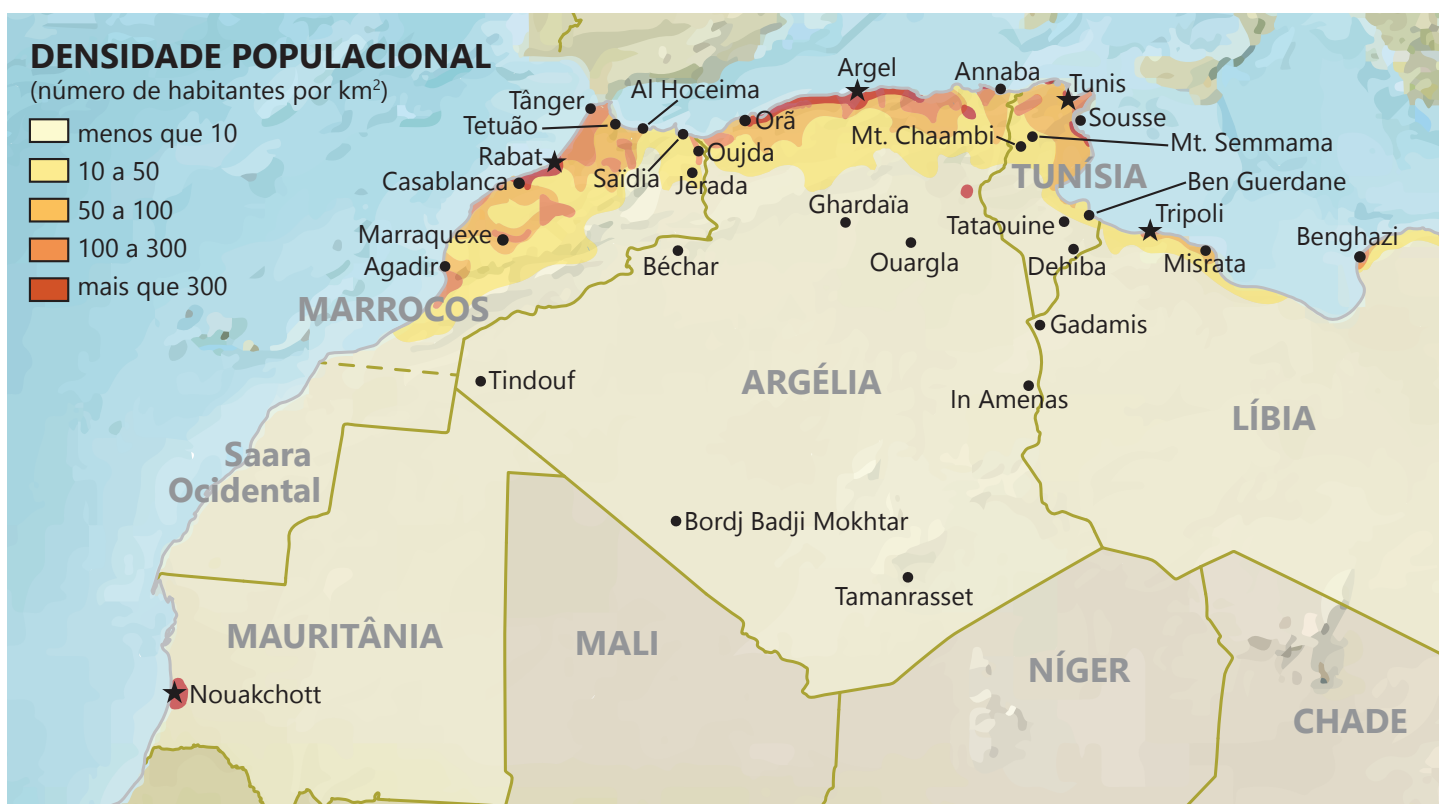
DESTAQUES

- **A marginalização social e económica das comunidades na periferia de todos os países do Magrebe é uma fonte permanente de instabilidade na região.**
- **As forças de segurança devem distinguir entre as ameaças provenientes de militantes e as de cidadãos comuns que exprimem o seu descontentamento. Uma resposta dura terá provavelmente o efeito contrário, aprofundando a desconfiança nos governos centrais, enquanto alimenta a militância.**
- **A integração económica das comunidades periféricas é uma prioridade. No entanto, essas iniciativas devem mostrar resultados ao nível local. Caso contrário, as percepções de corrupção e exploração reforçarão o descontentamento sentido.**

Cerca de uma década depois das revoltas árabes, os ânimos nas regiões periféricas do Magrebe estão em ebulição. Marcadas por uma história de negligência dos estados, com taxas de pobreza muitas vezes mais do que o triplo das áreas urbanas, essas fronteiras de descontentamento estão a transformar-se em incubadoras de instabilidade. Amargura, raiva e frustração dirigida contra governos percebidos como eivados de abusos e corrupção representam uma mistura combustível que está fermentando há décadas, levando à atual estufa de discórdia e tumulto. No vácuo das instituições estatais confiáveis e em meio a fluxos transfronteiriços ilícitos de pessoas e bens, incluindo armas e drogas, a militância e recrutamento jihadistas estão começando a se enraizar, especialmente entre os jovens inquietos. O centro de gravidade para este coquetel tóxico são as zonas fronteiriças marginalizadas do Magrebe, desde a agitada região norte do Rif de Marrocos até aos confins das regiões conturbadas do sul da Argélia e da Tunísia.

A resposta do governo tem sido paroquial com ênfase exagerada nas duras abordagens de segurança que muitas vezes acabam polarizando ainda mais as comunidades e piorando a desilusão dos jovens. Numa época em que os governos estão sempre um passo atrás no combate às ameaças terroristas em constante mutação, e com a ameaça da repatriação de combatentes do Magrebe vindos do Iraque, Síria e Líbia, o desconexo entre o estado e as suas regiões marginalizadas ameaça trazer estes países em um ciclo vicioso de violência e repressão do estado. Quebrar essa espiral exige que os governos da região repensem sua abordagem para as suas regiões periféricas.

O carácter transnacional das ameaças à segurança na região também destaca a necessidade de os governos desenvolverem seu compartilhamento de inteligência e cooperação em segurança nas fronteiras. Infelizmente, as ameaças compartilhadas foram



Nota: Densidades populacionais mostradas apenas para fins ilustrativos.

agravadas pelas persistentes rivalidades interestaduais e fronteiras fechadas. Desde meados dos anos setenta, Marrocos e Argélia permanecem presos em um mundo de soma zero. Sua amarga rivalidade sobre o domínio regional e amarga disputa sobre o Saara Ocidental têm impedido o progresso em muitas das questões sensíveis que atormentam o Magrebe e Sahel. Quaisquer que sejam os acordos de cooperação regional, eles tendem a ser limitados e pontuais. O desafio de hoje é ampliar e tornar realidade estas oportunidades de cooperação transfronteiriça.

ARGÉLIA FUSTIGADA

Durante décadas, uma ilusão de relativa tranquilidade dominou as vastas regiões periféricas da Argélia. Isso proporcionou um estranho contraponto à agitação intermitente que animava os espaços densamente povoados no norte do país. O Sul da Argélia foi subitamente lançado para o primeiro plano da consciência pública e das preocupações sobre a segurança nacional devido aos ataques terroristas sem precedentes contra as infraestruturas energéticas da Argélia em 2013 nas instalações de gás de In Aménas, perto da fronteira sudeste com a Líbia. Quarenta trabalhadores foram mortos e centenas foram feitos reféns.

A indústria de petróleo e gás da Argélia representa cerca de 35% do PIB e 75% das receitas do governo. Este setor económico estratégico encontra-se em grande parte no Sul, que engloba mais de 80% do território nacional, mas menos de 9% da população. Por conseguinte, esta região tem grande importância nos cálculos de segurança da Argélia. No entanto, apesar de sua vitalidade estratégica, o Sul é muitas vezes banalizado como um espaço de fascínio e exotismo folclóricos e, de acontecimentos às vezes sinistros. Os media tendem a reforçar esta narrativa ao inflacionar os estereótipos das comunidades saarianas como tribos hostis e de lealdade duvidosa ao estado¹.

Para as comunidades saarianas, este discurso predominante tem sabor de preconceito racial e de intenção deliberada de justificar a sua exclusão política e socioeconómica. Não é o terreno, o clima ou a alegada preguiça inerente, a falta de capacidades e as cre-

Anouar Boukhars é um bolsheiro não residente do Programa para o Médio Oriente da Fundação Carnegie para a Paz Internacional e professor associado de relações internacionais no McDaniel College, em Westminster, Maryland.

denciais nacionalistas duvidosas do povo do Saara que o torna pobre ou o faz envolver-se em atividades ilícitas na fronteira sul da Argélia com o Mali e a Líbia. Pelo contrário, a perspectiva dessas comunidades, é que é a negligência e a miséria a que foi votada uma região rica que tem retardado o seu desenvolvimento e a tornou altamente dependente do contrabando como fonte de subsistência diária.

A abordagem de *laissez-faire* do governo quanto ao comércio transfronteiriço informal também contribuiu para fazer do contrabando uma atividade económica dominante no sul². Esta foi uma estratégia calculada, destinada a domar a vasta fronteira sul, já que o comércio de contrabando foi a salvação para as populações privadas dos benefícios financeiros oriundos dos recursos naturais de sua região. No entanto, o surgimento de grupos terroristas e organizações criminosas no Saara no início da década de 2000 revelaram os possíveis perigos desta estratégia. Redes terroristas regionais e organizações criminosas aperfeiçoaram os modos de operar, as rotas e os métodos de entrega que foram usados pela primeira vez por contrabandistas de mercadorias inócuas como gasolina, óleo alimentar, farinha de milho e leite em pó, a que se seguiu na década de 1990, to tráfico de cigarros e armas.

Para as comunidades saarianas, este discurso predominante tem sabor de preconceito racial e de uma intenção deliberada de justificar a sua exclusão política e socioeconómica.

Os problemas da Argélia resultantes da frouxa gestão das suas regiões fronteiriças surgiram depois de 2011. As revoltas árabes foram um grande catalisador no despertar e na politização do Sul. Os protestos contra a exclusão social, o elevado desemprego e a depredação ambiental têm-se multiplicado pelo Saara argelino desde então³.

Infelizmente, o descontentamento político e a frustração com as injustiças nem sempre são canalizados para mobilização social e protestos não violentos⁴. Certos habitantes, especialmente os jovens desiludidos, gravitam para o crime transnacional, contrabando e redes jihadistas que foram surgindo no sul da Argélia e na periferia do Sahel. O ousado sequestro do governador da

provincia de Illizi no sudeste da Argélia em 2012 por moradores envolvidos nos protestos contra as precárias condições de vida é ilustrativo. A sua subsequente transferência para a Líbia para ser vendido a elementos da Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) demonstra a interconexão entre desilusão, criminalidade e Jihad.

A intensificação das tensões sectárias e étnicas, agravadas pelas revoltas económicas, têm causado problemas no sul da Argélia. Os letais conflitos intercomunitários que eclodiram em agosto de 2013 na cidade fronteiriça de Bordj Badji Mokhtar expuseram as cisões profundas entre as comunidades tuaregue Idran e árabe Berabiche. Nunca antes a região havia assistido a uma escalada de violência assim, que começou quando um jovem tuaregue,, acusado de roubo, foi assassinado numa aparente vingança⁵. A região de Ghardaia também foi assolada por ondas de violência mortal entre os árabes Chaamba presentes na maior parte do Sul da Argélia e os berberes mozabitas da seita muçulmana Ibadi, um grupo insular com seu próprio sistema de valores, códigos de conduta e regras⁶. A causa da violência foi atribuída a conflitos por causa de recursos, terras e migração.

Infelizmente para a Argélia, o vasto Sul não é a única região fronteiriça exposta a choques internos e externos. Ameaças semelhantes repetem-se ao longo das fronteiras com a Tunísia, Mali e Líbia. A tolerância do governo para com o contrabando de mercadorias proporcionou aos terroristas e a outras entidades criminosas oportunidades de explorar estas rotas informais trans-fronteiriças. Militantes argelinos, por exemplo, exploraram a fiscalização limitada para construir um refúgio seguro no Monte Chaambi, Tunísia, a poucos quilómetros da fronteira argelina⁷.

Paradoxalmente, a única trégua na Argélia pode ser encontrada na sua fronteira fechada com o Marrocos. Nos últimos anos, atravessar a fronteira tornou-se bastante difícil, pois ambos os países reforçaram a fiscalização das rotas e mercadorias de contrabando. Em 2013, a Argélia começou a cavar trincheiras ao longo de sua fronteira com Marrocos para impedir o contrabando de combustível. Para não ficar para trás, Marrocos reagiu um ano depois construindo um muro de segurança, de 150 km de comprimento. Para reforçar as suas defesas contra o tráfico de contrabando humano e possível infiltração de terroristas vindos da Argélia. A Argélia acusa Marrocos de inundar o país com cannabis, enquanto Marrocos reclama sobre o tráfico de imigrantes africanos e de drogas recreativas provenientes da Argélia, nomeadamente, pílulas de anfetaminas (Rivotril ou Qarqobi em árabe marroquino coloquial)⁸.

Apesar das recriminações mútuas, a fortificação da fronteira partilhada por ambos os países mantém aparentemente os gru-

pos criminosos violentos e terroristas à distância, mesmo que os contrabandistas continuem a encontrar formas de contornar a fiscalização fronteiriça.

MARROCOS ESTÁVEL, MAS AINDA VULNERÁVEL

À primeira vista, as fronteiras do Marrocos parecem ser as menos expostas aos perigos securitários que afligem os seus vizinhos do Magrebe. O Reino tem efetivamente minimizado os problemas de segurança, enquanto continuamente vai melhorando as suas capacidades para responder aos riscos que são cada vez mais voláteis e imprevisíveis. Com exceção da explosão de uma bomba em Marraquexe, em 2011, Marrocos tem estado a salvo dos atentados terroristas que afligem a Argélia e a Tunísia. A abordagem proativa da segurança no país tornou mais difícil para o AQMI e outros grupos terroristas estabelecerem bases no país. Dito isto, há especialistas em segurança que pensam que ainda existem brechas na segurança que precisam de ser colmatadas. A robustez das redes de contrabando de droga e de seres humanos ativas nas fronteiras de Marrocos é motivo de grande preocupação. Há também um preocupante aumento das tensões sociais nas regiões periféricas do país, como exemplificado pelos meses de protestos que abalaram a região central do Rif no norte de Marrocos, após a hedionda morte de um peixeiro em outubro de 2016⁹.

As regiões mais problemáticas do Marrocos estão localizadas nas periferias Sul e Norte. Uma zona considerável da primeira ainda está atolada numa disputa não resolvida sobre o Saara Ocidental. As vicissitudes desta disputa colocam o território no fio da navalha. Ameaçado internamente por bolsas de dissidências e externamente pelo problema crescente de organizações extremistas violentas e de redes criminosas que operam em países do Sahel vizinhos, o Saara Ocidental é um dos locais mais fortemente vigiado e militarizado em Marrocos. Parte desta região está selada desde a década de 1980 com uma trincheira e um muro de 2.700 km (conhecida como “The Berm” [o muro]) que efetivamente desviou os combatentes da Polisário apoiados pela Argélia e transformou o equilíbrio do poder em favor de Marrocos.

No entanto, os campos de refugiados controlados pela Polisário no sudoeste da Argélia estão numa efervescência de raiva e descontentamento. O ex-secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, preocupava-se com a vulnerabilidade dos jovens saarauís para serem recrutados por “redes criminosas e terroristas”. Em resposta, as autoridades marroquinas começaram a reforçar a sua presença militar na fronteira com a Mauritânia, além de intensificar os investimentos socioeconómicos no sul do país. Em fevereiro de 2016, o rei Mohammed VI lançou um ambicioso

plano de US \$ 1,8 mil milhões para melhorar as infraestruturas da região e integrá-las no norte do Marrocos.

Esforços similares do governo para aliviar as tensões sociais e mitigar a crescente ameaça do terrorismo foram direcionados para o Rif, uma região com grandes bolsas de alienação que se estende das movimentadas cidades de Tânger e Tétouan no noroeste até a fronteira nordeste da Argélia. A parte central da região, de maioria berbere, é famosa pela sua histórica rebeldia contra as autoridades centrais. Enquanto isso, a parte ocidental, maioritariamente de língua árabe, ganhou notoriedade por ser um centro de contrabando de imigrantes, tráfico de droga e recrutamento de militantes que aspiram passar para as zonas de conflito do Iraque e da Síria. Estima-se que 600-700 dos 1.500 marroquinos que supostamente se juntaram às fileiras do autoproclamado Estado Islâmico e forças alinhadas à Al-Qaeda na Síria e no Iraque são originários do norte do país¹⁰.

Em resposta a estes padrões, o governo aumentou o seu investimento em formação profissional, centros socioculturais e programas de reabilitação para combater o aumento do consumo de drogas e melhorar a vida dos jovens em situação de risco nos bairros carentes das cidades do norte. Desde que assumiu o trono em 1999, o rei Mohammed VI também colocou o desenvolvimento económico do Rif, que significa “a borda da terra cultivada”, como uma das principais prioridades de segurança nacional. A região ocidental do Rif, em particular, tem experimentado uma notável reviravolta com investimentos significativos em portos, estradas, ferrovias, transporte aéreo e abastecimento de água, bem como uma série de outras medidas para atrair investidores do setor privado para os recém-criados enclaves económicos e parques industriais.

O sucesso em transformar o eixo Tânger-Tétouan num importante centro industrial e polo comercial não foi, no entanto, reproduzido na região central do Rif, onde centenas de aldeias ainda dependem da agricultura de subsistência rudimentar ou cultivo de cannabis para sobreviver. Seguramente, a nova estrada costeira mediterrânica, conhecida como “Rocade du Rif”, que liga o Tânger a Saïdia na fronteira argelina, e a construção e a modernização seletivas das principais estradas melhoraram as redes rodoviárias da região. Mas as promessas de outros grandes planos de infraestrutura, como o projeto de desenvolvimento de Manarat Al Moutawassit (“Farol do Mediterrâneo”) em Al Hoceima, não foram cumpridos.

O Governo marroquino também está a lutar para tirar o nordeste do isolamento. Esta região tem sido prejudicada pela fortificação da fronteira fechada com a Argélia¹¹. Setenta por

cento da economia da região depende do setor informal, que emprega cerca de 10 mil pessoas¹². O restante da economia baseia-se nas remessas dos marroquinos que vivem no exterior, bem como na agricultura e mineração (carvão e ferro), embora estes setores estejam a ficar ultrapassados. Os protestos pela morte de três jovens que estavam extraindo carvão de minas abandonadas na instável cidade oriental de Jerada, em janeiro de 2018, demonstram a tensão¹³.

A construção de muros de segurança não estancou o fluxo ilícito de todos os produtos entre a Argélia e Marrocos. As redes de tráfico mais organizadas e bem equipadas passaram do tráfico no altamente lucrativo comércio de gasolina para o contrabando de cigarros, medicamentos, imigrantes e drogas¹⁴. Aqueles que mais sofrem são a maioria dos contrabandistas que não tem os recursos e conexões para contornar a fiscalização do estado ou subornar agentes de fronteira.

As redes de tráfico mais organizadas e bem equipadas passaram do tráfico do altamente lucrativo comércio de gasolina para o contrabando de cigarros, medicamentos, imigrantes e drogas.

O governo marroquino vem tentando há anos desenvolver uma estratégia económica para acabar com o isolamento geográfico do nordeste e aumentar a sua atratividade em termos de investimento. A mais ambiciosa destas estratégias é a construção do complexo portuário de Nador West Med e a zona franca associada a ela. O megaprojeto busca replicar o sucesso do complexo portuário de Tânger Med e ajudar a reforçar o desenvolvimento económico do nordeste por meio do desenvolvimento de atividades comerciais, industriais, logísticas e de serviços.

No entanto, embora se tenha alcançado progressos importantes, as comunidades isoladas na periferia do Marrocos continuam uma incubadora potencial de instabilidade cada vez maior.

TUNÍSIA SITIADA

Com razão, a Tunísia é louvada pelo progresso democrático que tem feito desde a revolta popular que derrubou o ditador

de longa data, Zine el Abidine Ben Ali em janeiro de 2011. Mas as assimetrias regionais impõem desafios significativos à jovem democracia do país. As taxas de pobreza - entre 26 e 32 por cento nas áreas rurais - são três vezes maiores do que em Tunis¹⁵. O período desde o derrube de Ben Ali não resultou em melhorias significativas na situação económica das regiões fronteiriças. Tirando a onda de contratações do governo nos primeiros dias após a revolta e os tímidos esforços para atrair investidores para estas regiões remotas, a sua situação económica não mostra sinais de melhoria. Há esperança de que o processo de regionalização, que visa devolver poder às autoridades regionais e municipais, possa levar a uma séria reavaliação das políticas de desenvolvimento regional e a uma justa alocação de recursos para essas áreas marginalizadas. Se falhar este objetivo, há o risco de se agravarem as tensões sociais num momento em que se dá o retorno de combatentes jihadistas tunisianos vindos da Síria e da Líbia¹⁶.

A queda de Ben Ali criou um vazio de segurança e perturbou os mercados e as redes de comércio trans-fronteiriços, permitindo a criação de novos grupos oportunistas desconhecidos das autoridades de segurança e mais dispostos a comercializar drogas e armas de fogo¹⁷. Por exemplo, a transformação da Tunísia numa zona de trânsito para o tráfico de cannabis, drogas estimulantes e álcool entre a Argélia e a Líbia afetou os antigos contrabandistas de mercadorias legais que viram uma diminuição significativa nos lucros, o que forçou alguns a passar para o mercado ilegal a fim de evitar a insolvência¹⁸.

A invasão da atividade criminosa foi acompanhada por uma invasão semelhante de grupos terroristas que procuraram primeiro estabelecer uma presença na fronteira para facilitar a saída de recrutas tunisinos para a Síria. Isto evoluiu para a criação de refúgios seguros para aqueles que estavam dispostos a lutar na Líbia e depois a voltar para realizar atentados terroristas na Tunísia, como aconteceu com os autores dos atentados no Museu Nacional de Bardo e em Sousse, em 2015. Em 2013, na fronteira ocidental com a Argélia, militantes tunisinos conseguiram estabelecer uma base de apoio nas áreas acidentadas do Monte Chaambi e Monte Semmama, onde soldados foram mortos e dispositivos explosivos improvisados (IEDs) foram colocados em estradas locais¹⁹.

Uma onda de ataques contra os serviços de segurança tunisinos, amplificada pelos dramáticos ataques por dezenas de militantes treinados pelo Estado Islâmico contra as forças de segurança na cidade de Ben Guerdane, perto da fronteira da Líbia, em março de 2016, levou a uma crescente militarização da fronteira. Esta abordagem de segurança, em primeiro lugar, deparou-se com

a dura realidade das comunidades cujos meios de subsistência dependem da livre circulação de pessoas e bens²⁰. Por exemplo, a dimensão trans-fronteiriça das relações sociais e tribais entre o sudeste da Tunísia e o Ocidente da Líbia faz com que quaisquer interrupções no comércio trans-fronteiriço se tornem um assunto explosivo. Em fevereiro de 2015, o encerramento dos postos fronteiriços de Ben Guerdane e Dehiba pelo governo provocou protestos em massa e a organização de uma greve geral. Estes protestos eram menos sobre o controle das fronteiras pelo estado e mais sobre a falta de alternativas viáveis ao comércio ilícito trans-fronteiriço e à aparente apatia do governo face às necessidades da população.

Superar este défice de confiança entre os serviços de segurança e as comunidades locais é crucial para melhorar a eficácia no fornecimento de segurança.

O governo é visto como impedindo uma das poucas fontes de receitas disponíveis para as comunidades fronteiriças. Isso gera ansiedade entre a população local que acredita que as medidas de segurança do governo são tomadas à custa do seu bem-estar. Afinal, a intensificação do controle das fronteiras está a afectar apenas as pessoas mais vulneráveis que dependem do comércio de contrabando e não possuem os meios e contatos para contornar a fiscalização nas fronteiras. Os mais poderosos e abastados círculos de contrabando utilizam as principais estradas e beneficiam da convivência dos agentes fronteiriços tunisinos e outras autoridades de segurança²¹.

A crescente militarização da fronteira parece ter o efeito oposto do que se pretendia. Em vez de reduzir efetivamente a atividade criminosa e o tráfico de substâncias nocivas, a fronteira militarizada criou mais abertura à corrupção. Por exemplo, a incapacidade dos agentes aduaneiros em garantir a segurança na região fronteiriça acabou reforçando o papel do exército²². A hipótese deste novo papel aumenta o potencial de corrupção dentro do exército, um desenvolvimento que arrisca manchar a imagem duma das poucas instituições do estado que ainda tem credibilidade e aceitação popular. E também aumentou a competição e desconfiança entre os diferentes serviços encarregados de fiscalizar as fronteiras.

Por conseguinte, a escalada de atividades ilícitas nas fronteiras justificou a militarização das fronteiras e a repressão ao comércio trans-fronteiriço por parte do governo, mas isso só serviu para exacerbar a corrupção, o subdesenvolvimento e a desigualdade. Este padrão arrisca-se a aprofundar o ciclo de violência e criminalidade organizada e a levar a um retrocesso ao autoritarismo repressivo.

O CAMINHO PARA A FRENTE

Embora o grau de vulnerabilidade às ameaças de segurança enfrentadas pelos governos do Magrebe varie, nenhum destes países está imune à crescente pressão de organizações militantes transnacionais, de redes criminosas e tensões sociais nas suas zonas fronteiriças.

O reforço das capacidades dos estados para exercer o controle da totalidade dos seus territórios, bem como a melhoria da cooperação regional, é, no entanto, apenas uma peça do quebra-cabeça na luta contra as inseguranças ao longo das fronteiras do Magrebe. As respostas de segurança nunca podem ser um substituto para combater os fatores subjacentes que contribuem para a insegurança: a marginalização política e socioeconómica das comunidades fronteiriças. Muitos jovens na fronteira do Magrebe e nas regiões periféricas sentem-se profundamente frustrados, irritados e hostis com as autoridades estatais. Este afastamento crescente entre o estado e a sua periferia é perigosa, ameaçando perpetuar as abordagens de segurança repressivas, cujos efeitos muitas vezes resultam em mais tensão social e violência política.

A seguir estão algumas das ações prioritárias que emergem dessa revisão:

- **Enfrentar as profundas frustrações e ressentimentos que prevalecem entre comunidades periféricas e grupos desfavorecidos.** O fortalecimento das capacidades de segurança do governo e o reforço dos controles fronteiriços são cruciais, mas insuficientes para proteger contra ameaças internas e trans-fronteiriças. Marrocos, em particular, mas também a Argélia, e cada vez mais a Tunísia, merecem ser felicitados por terem neutralizado ou contido a ameaça de terrorismo dentro de suas fronteiras. O significativo enfraquecimento do Estado Islâmico na região é um testemunho da eficácia das respostas militares e de segurança. No entanto, se a história servir de exemplo, a ameaça de terrorismo permanecerá e continuará a ser um desafio no Magrebe, a menos que os governos resolvam enfrentar de vez as frustrações e ressentimentos duradouros prevalecentes entre as comunidades periféricas e grupos carentes. Como demonstra amplamente a experiência tunisina, a irritação com a persistente

exclusão social e disparidades regionais, combinadas com a exposição aos pregadores salafistas radicais, são fatores importantes para a compreensão da radicalização dos jovens.

- **Resistir a repetir a antiga combinação de repressão e cooptação para abafar a mobilização popular.** De Tataouine, no sul da Tunísia, para Ouargla, no sul da Argélia, e a cidade do Rif de Al Hoceima, no Marrocos, essa abordagem tem mostrado os seus limites para diminuir a agitação nas cidades e vilas. Medidas de emergência e promessas de projetos de infraestruturas podem contribuir para acalmar a agitação social, mas os seus efeitos evaporam-se rapidamente se não se enfrentarem genuinamente as reivindicações das populações por oportunidades econômicas e governança ética. O rei de Marrocos reconheceu isso mesmo num discurso durante a sessão de abertura do Parlamento em 13 de outubro de 2017:

[Nós] temos que admitir que nosso modelo de desenvolvimento nacional não atende mais às crescentes reivindicações e necessidades urgentes dos cidadãos; não conseguiu reduzir as disparidades entre os segmentos da população, corrigir os desequilíbrios inter-regionais ou alcançar a justiça social²³.

- **Melhorar as capacidades da polícia, da gendarmaria e de outras forças de segurança para interagir com a comunidade a fim de melhorar as relações entre o estado e a sociedade.** A persistente estigmatização das regiões fronteiriças e comunidades periféricas como desordeiras e criminosas e os traumas associados com o policiamento agressivo e intrusivo incutem nos jovens sentimentos profundos de humilhação e amargura em relação à autoridade do estado. Superar este déficit de confiança entre os serviços de segurança e as comunidades locais é crucial para melhorar a eficácia na aplicação das medidas de segurança. A adoção de novas regras e regulamentos para profissionalizar a formação, o recrutamento e a promoção da polícia de forma a melhorar a sua sensibilidade cultural a essas comunidades é fundamental.
- **Reconhecer a especificidade histórica e a particularidade geográfica das regiões fronteiriças.** Em todos os países do Magrebe, as regiões fronteiriças foram negligenciadas pelo estado durante décadas. As narrativas históricas foram manipuladas para retratar algumas regiões periféricas como zonas arcaicas, cheias de dissidentes e criminosos. Os livros didáticos distorcem eventos traumáticos e minimizam o significado dos papéis dessas regiões nas histórias dos seus

países. Para tentar curar as feridas do passado, os governos devem desenvolver uma iniciativa para validar as contribuições destas comunidades em livros de história, estatutos, memoriais e exposições. Se forem acompanhados por atividades de desenvolvimento que atendem às necessidades regionais e, no caso da Tunísia e da Argélia, a melhoria da gestão dos recursos naturais e o investimento de uma parcela equitativa dos lucros dos recursos locais em projetos locais, esses gestos podem ajudar a atenuar os sentimentos de raiva e ressentimento entre as comunidades periféricas. Também podem ajudar a combater o recrutamento extremista.

- **Evitar a excessiva regulamentação da esfera religiosa e propagar conselhos religiosos como meio para combater o extremismo.** Reformar a gestão da religião e da educação religiosa, a fim de estar em conformidade com os ensinamentos de tolerância e inclusão do islão norte africano é um objetivo digno para combater a ameaça insidiosa de ideologias exclusivistas. No entanto, o risco com esta abordagem é que a política do governo possa transformar-se em patrocinadora de crenças e práticas religiosas. A percepção de que a propaganda do governo apoia o sufismo sancionado pelo estado (misticismo islâmico) e autoridades religiosas que juram lealdade aos governantes do estado pode prejudicar o desenvolvimento de clérigos competentes e instituições religiosas credíveis que poderiam acabar com as interpretações violentas do Islão. Pior, isso prejudica o estabelecimento religioso por associação com autoridades governamentais que não são de confiança. Parte da atração das ideologias militantes e grupos extremistas violentos residem na sua retórica anti-sistémica e sua capacidade de explorar a raiva contra as instituições. Isto ficou claramente demonstrado no caso da Tunísia, quando tornar-se membro da Ansar al Sharia era o mesmo que aderir a um movimento revolucionário com a intenção de romper a ordem geracional e institucional.
- **Aumentar a cooperação regional.** Dada a longa rivalidade entre Marrocos e Argélia, aumentar a cooperação regional exigirá provavelmente ir cumprindo os objetivos de forma gradual. Estes incluem centrar-se em questões de segurança específicas, como a troca de informações secretas sobre drogas, armas e contrabando de seres humanos, bem como sobre a existência de combatentes do Magrebe na Síria e na Líbia. A cooperação de segurança fronteiriça entre a Argélia e a Tunísia reflete este tipo de abordagem colaborativa e cautelosa.

NOTAS

- 1 “Le Grand Sud, l’autre Algérie,” *Jeune Afrique*, 14 de maio de 2012.
- 2 Tarik Dahou, “Les marges transnationales et locales de l’État algérien,” *Politique africaine* No. 137 (2015), 7-25.
- 3 Naoual Belakhdar, “‘L’éveil du sud’ ou quand la contestation vient de la marge,” *Politique africaine* No. 137 (2015), 27-48.
- 4 Salim Chena, “L’Algérie et son Sud: Quels enjeux sécuritaires?” Institut français des relations internationales (novembro de 2013).
- 5 Isabelle Mandraud, “Menaces sur le ‘Sud tranquille’ algérien,” *Le Monde*, 3 de setembro de 2013.
- 6 Houria Alioua, “Folie meurtrière au Mzab : 25 morts,” *El Watan*, 8 de julho de 2015.
- 7 Sherelle Jacobs, “A sombra de refúgio seguro Jihadista paira sobre a Tunísia e a Argélia,” *World Politics Review*, 21 de maio de 2013.
- 8 Querine Hanlon e Matthew M. Herbert, “Desafios da segurança fronteiriça no grande Magrebe,” *Peaceworks* No. 109 (Washington, DC: United States Institute of Peace, 2015).
- 9 Aida Alami, “A estabilidade do Marrocos é abalada por longos protestos sobre a morte de peixeiro,” *New York Times*, 26 de agosto de 2017.
- 10 Nadia Lamlili, “Maroc: de Tanger à Ceuta, sur les traces des jihadistes,” *Jeune Afrique*, 14 de dezembro de 2015.
- 11 Marie Verdier, “Oujda, un drame frontalier dans le nord-est du Maroc,” *La Croix*, 13 de julho de 2017.
- 12 Michel Lachkar, “Le futur port de Nador, espoir de désenclavement du Nord-Est marocain,” *Géopolis Afrique*, 6 de junho de 2016.
- 13 “Novos protestos surgem no leste do Marrocos,” *Economist Intelligence Unit*, 25 de janeiro de 2018.
- 14 Chéro Belli, “Une frontière poreuse, malgré les barrières entre l’Algérie et le Maroc,” *Dune Voices*, 1 de fevereiro de 2017.
- 15 “Note d’orientation sur les disparités régionales en Tunisie,” *World Bank* (Julho de 2015).
- 16 “Tunísia declara que 800 jihadistas repatriados foram presos ou rastreados,” *Agence France-Presse*, 31 de dezembro de 2016.
- 17 Anouar Boukhars, “O potencial de ganhos inesperados para jihadistas como consequência da militarização da região fronteiriça da Tunísia com a Líbia,” *CTC Sentinel* 11, no. 1 (2018), 32-36.
- 18 Hamza Meddeb, “Les ressorts socio-économiques de l’insécurité dans le sud tunisien,” *Fondation pour la recherche stratégique* (Junho de 2016).
- 19 Sarah Souli, “Controle de fronteira: a Tunísia tenta parar o terrorismo com um muro,” *VICE*, 16 de novembro de 2015.
- 20 Anouar Boukhars, “A Trajetória Geográfica do Conflito e da Militância na Tunísia,” *Carnegie Endowment for International Peace* (julho de 2017).
- 21 Aymen Gharbi, “Tunisie: Entretien sur l’économie de Ben Guerdane avec Adrien Doron, chercheur en géographie,” *Huffington Post International*, 22 de março de 2016.
- 22 Meddeb.
- 23 “Texto Completo do Discurso de sua majestade (HM) o Rei na Abertura do Parlamento,” Site do Ministério da Cultura e Comunicação do Marrocos, 13 de outubro de 2017, disponível em <<http://www.maroc.ma/en/discours-royaux/texte-integral-prononce-par-sm-le-roi-mohammed-vi-devant-les-membres-des-deux>>.



CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Kate Almquist Knopf, Diretora
National Defense University
Fort Lesley J. McNair
Washington, DC 20319-5066
+ 1 202 685-7300
www.africacenter.org

Resumos de segurança em África
Joseph Siegle, Ph.D.
Diretor de Pesquisa
sieglej@ndu.edu
+1 202 685-6808
ISSN 2164-4047

O Centro de Estudos Estratégicos de África é uma organização académica estabelecida pelo Departamento de Defesa que serve como um fórum objetivo para pesquisa, programas académicos e troca de ideias. As séries de Resumo de Segurança em África apresenta pesquisas e análises com o objetivo de promover a compreensão sobre as questões de segurança na África. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Centro.